



Epistemologias do sul e uma proposta de intersubjetividade

Epistemologies of the south and a proposal of intersubjectivity

Por Janina Sanches

Doutora em Educação (PUC-SP)

Pós-Doutora em Antropologia da Educação (USP)

janinasanches@gmail.com

Resumo:

Esta é uma reflexão sobre a ideia de dominação epistemológica vivida pelos povos do sul do globo no período da colonização e industrialização (Santos, 2010), tratando de evidenciar como são experienciadas as consequências na atualidade, e fazendo uma proposta de conscientização da intersubjetividade, visando melhores escolhas futuras. Sustenta-se a necessidade de aproximação entre as subjetividades nativas do Brasil e do Peru. Recorrendo à mitohermenêutica (Durand, 2002) debato sobre a transversalidade das ideias de *epistemicídio* e *feminicídio* e proponho a recuperação pela contribuição intelectual solidária. Sustento que a aproximação entre os países, ainda que atualmente motivada por interesses comerciais e econômicos, tem na educação, no ensino da arte e da cultura, a possibilidade de tornar visíveis antigos saberes, valorizando a maneira de conhecer integrada na cosmovisão (Morin, 2002), na antropologia local (Geertz, 1997). Proponho a reparação, pela conscientização das energias psicogenéticas (Szondi, 1970) e a reflexão sobre a experiência.

Abstract:

This is a reflection about the idea of the epistemological domination experienced by the people of the south of the Globe during the colonization (Santos, 2010), how are now experienced consequences and a proposal of intersubjectivity enlightening future possibilities. I sustain the approximation between Brazil and Peru native subjectivities. Recurring to the myth-hermeneutics (Durand, 2002) I debate on the idea of *epistemicid* and *feminicid*, sustaining recovery by solidarity contribution. I believe even if the present approximation is motivated by commercial and economic interests, education, the teaching of art and culture can make visible ancient ways of knowing valorizing the integrated cosmos vision (Morin, 2002), local anthropology (Geertz, 1997) and I propose repair through means of psychogenetic (Szondi, 1970); Sanches, 2010).

*“Esse ‘Rei’ e essa ‘Rainha’ reinam
no mesmo psiquismo, são
as majestades das potências
psicológicas que, graças à Obra,
hão de reinar sobre as coisas”.*
(Bachelard, 2006)

Esta é uma reflexão sobre a ideia de dominação epistemológica, ou seja, o controle do pensamento, da maneira de conhecer, vivida pelos povos do sul do globo nos períodos da colonização e da industrialização,¹ com atualização

permanente e, como as consequências observadas na atualidade contribuem, ou não, para melhores possibilidades futuras. Trata-se do caso do Brasil e do Peru, no âmbito da educação. Recorrendo à mitohermenêutica,² toma-se como eixo transversal as ideias de *epistemicídio* e *feminicídio*, propondo a recuperação pela contribuição intelectual e espiritual mútua, a solidariedade. Sustento que a aproximação entre os países, ainda que atualmente motivada por interesses comerciais e econômicos, tem na educação, no ensino da arte e da cultura, a possibilidade da recuperação de antigos saberes,

¹ SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

² DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

valorizando a maneira de conhecer integrada na cosmovisão,³ na antropologia,⁴ na psicogenética⁵ e na reflexão sobre a experiência.⁶

Reflexão mitohermenêutica sobre a dominação epistemológica

“Instintos são uma maneira de conhecer”.
(Szondi, 1970)

Entre 2006 e 2007, tive a oportunidade da docência em epistemologia nos programas de pós-graduação em Educação e Saúde Pública, em universidades públicas peruanas e, algumas observações sobre a compreensão da função social do estudo científico, fizeram-me a recorrer aos ensinamentos de Bachelard e o seu empenho em demonstrar que “a relação de incerteza por si só, fornece um verdadeiro método”.⁷ Ocorre que no Perú usa-se apenas o método quantitativo estatístico de investigação para todas as áreas de conhecimento, inclusive das ciências humanas⁸.

³ MORIN, Edgar. *Repensar a Reforma*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

⁴ GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁵ SZONDI, Lipot. *Tratado del diagnóstico experimental de los instintos*. Madrid: B. Nueva, 1996; SANCHES, Janina. *Mitohermenêutica do feminino na antropologia da educação: interculturalidade Brasil-Perú*. Pós-doutoramento. São Paulo: FEUSP, 2010.

⁶ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial/EDUEMG, 2007.

⁷ BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Rio: Tempo Brasileiro, 2000. p.110)

⁸ Explicação sobre a pesquisa qualitativa de Elías Mejía Mejía: “Las investigaciones son cualitativas cuando, para hacer variar las variables, se denomina, se da nombre o se rotula cada una de sus variaciones con denominaciones tales como *masculino o femenino, nacional o extranjero, vivo o muerto, soltero, casado, conviviente o divorciado*. En estos casos, cada una de las denominaciones de las variaciones de la variable sólo expresan nominaciones. No expresan, de ninguna manera, cantidad ni magnitud. Pertenecer al género masculino no significa ser más ni menos que pertenecer al género femenino: ser *soltero o casado* no implica cantidad, no se puede decir que alguien es soltero y esta situación vale tres puntos o casado y esta otra situación vale cinco puntos. En estos casos lo que se tiene en cuenta es simplemente la constatación fáctica de la manera cómo varía la variable”. E mais adiante: “El avance científico tecnológico del mundo moderno se debe precisamente a la capacidad de medir o cuantificar, con cada vez mayor precisión, los valores de estas

Dessa forma, desprezando as teorias da subjetividade, a psicologia, a antropologia, a sociologia, a filosofia, o imaginário e a incerteza, desconsidera-se a dinâmica dos jogos de poder e seus efeitos, presentes em toda cultura.

Processa-se justamente o contrário do que tem sustentado Morin⁹ ao dizer que a maior contribuição do conhecimento no século XX foi o reconhecimento dos limites do conhecimento, ou seja, o reconhecimento das incertezas. Como consequência, estamos agora em melhores condições de enfrentá-las, pelo reconhecimento do destino incerto da humanidade e de cada um de nós. No caso da pesquisa em educação no Brasil, sabemos pela prática dos recursos da antropologia na investigação qualitativa, que entre as consequências filosóficas mais importantes do princípio da incerteza, destaca-se que “toda qualidade é solidária de uma relação”, pois no tempo e no espaço nada existe só.¹⁰

Bachelard referia-se à *revolução* de Heisenberg (1901-1976), que a partir da mecânica quântica estabeleceu, em 1927, a existência da *indeterminação objetiva*. Até então, na pesquisa científica, sempre quantitativa, considerava-se que os erros sobre as variáveis (causa e consequência) eram postulados como independentes ou seja que podiam dar lugar *separadamente* a um estudo cada vez mais preciso. O pesquisador comum acreditava que podia isolar causas e consequências e aperfeiçoar o estudo individual, pois as medidas não encontrariam jamais obstáculos. Porém, a partir de Heisenberg, diz Bachelard, sabemos que “não há método de observação sem a ação dos processos do método sobre o objeto observado”, havendo então que considerar a interferência essencial do método e do objeto.

Ou como diz Morin, conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas é

variable. Se puede medir la inteligencia, el rendimiento académico, la talla, la estatura, los niveles de ansiedad, etc. El ideal científico se orienta hacia la cuantificación de todas las variables y los esfuerzos de la ciencia se encaminan en esta dirección”. MEJÍA MEJÍA, Elías. *Metodología de la investigación científica*. Lima: UNMSM, 2005. p. 35.

⁹ MORIN, 2002, p. 61.

¹⁰ BACHELARD, 2000, p. 110.

permitir-se dialogar com a incerteza, num mundo de possibilidades e vida social de responsabilidades, especialmente no âmbito da educação.¹¹ No caso peruano, não usar as possibilidades de pesquisa qualitativa antropológica, atualmente conhecidos, e usados pelos cientistas de outros países, inclusive no Brasil desde a década de 1980, para desvelar as fontes dos problemas da vida coletiva, é contribuir para o agravamento das situações da educação contemporânea, e manter desconhecido o passado.

O esforço de querer compreender, é ampliar a mente e a percepção à contextualização social e histórica das experiências humanas. Segundo explica Boaventura de Sousa Santos, devido ao *epistemicídio*, ao longo dos últimos cinco séculos, tem-se desperdiçando experiências cognitivas valiosas.¹² Ele se refere ao que chama de “sistema de distinções visíveis e invisíveis”. As invisíveis fundamentando as visíveis. Ambas pertencendo a dois universos distintos, o universo da epistemologia do norte do globo (sociedades metropolitanas: dicotomia regulação/emancipação) considerando inexistente o universo das epistemologias do sul do globo (territórios coloniais e ex-colônias sendo sempre atualizados: dicotomia apropriação/violência).¹³

Assim, “os conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas, do outro lado da linha”, não sendo reconhecidos, desaparecem. São mantidos no âmbito do inimaginável para a epistemologia do norte, que os considera dentro de uma distinção científica aceitável. Criando assim uma “linha abissal epistemológica”, onde uns sabem e os demais, que não sabem nada.

O abismo assim criado é sacrificial diz Sousa Santos,¹⁴ constituindo-se em condição e barreira para que a epistemologia criada pela parte da humanidade do sul do globo se afirme, enquanto universal. Igualmente o conceito de *feminicídio*¹⁵

fortemente presente no Perú. Concepção que conheci em 2009, durante uma entrevista a Teresa Viviano Llave, especialista peruana em sistematização, registro e publicações sobre a violência familiar e sexual, atuando no Ministério da Mulher e Desenvolvimento Social e à frente do movimento “Qué hacemos frente al feminicidio?”. Ela explicou que *feminicidio* refere-se à violência doméstica que resulta em morte no contexto familiar. Praticado por parceiro ou ex-parceiro da vítima mulher, tendo-se encontrado que a terça parte das afetadas pelo *feminicidio*, não procurou auxílio institucional previamente.

Ela atribuiu à diversidade cultural local a margem dada ao relativismo cultural nas interpretações, sobre o que seja “direito da mulher”. Disse haver progressos no sentido de que o Ministério tem registros de acompanhamentos anuais sobre a situação da violência familiar e contra a mulher, embora o número de pessoas atendidas tenha aumentado nos últimos anos. (O privilégio dos números...).

A imagem do deus Wiracocha, da cultura Tiwanaku (200 a.C a 1300 d.C), que se encontra no portal de um templo, é exemplo de como todos, ao norte e ao sul do globo, perdemos em conhecimento e em sensibilidade, ao ignorar a epistemologia nativa. Hermafrodito, este deus criou a primeira mulher. Assim como na mitologia brasileira, numa das versões guarani do *Pai-tavyterã*, é o ancestral *Ñande Ramoi* quem cria a mulher, *Ñande Jarýi*. Ou seja, que “qualquer indivíduo é um andrógino psicofisiológico”.¹⁶

No processo civilizador, a sexualidade foi transferida para um imaginário que existia por detrás da cena da vida social, e as relações entre os sexos, foram segregadas. À medida que os interesses econômicos constituíam uma aparelhagem para produzir discursos sobre sexo como um tema do “interesse público”,

¹¹ MORIN, 2002, p. 65.

¹² SOUSA SANTOS, 2010, p. 61.

¹³ SOUSA SANTOS, 2010, p. 32.

¹⁴ SOUSA SANTOS, 2010, p. 39.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.flora.org.pe/investigaciones/feminicidio.pdf>>. Feminicidio en el Perú: “se encuentra en los datos que los principales agresores forman parte del mundo

social más cercano de la víctima; es decir con quienes convive cotidianamente e incluso forman parte de su entorno afectivo. Esta situación es alarmante porque nos muestra que los espacios físicos y sociales considerados como garantes de seguridad, no lo son en realidad”.

¹⁶ NOGUEIRA, Maria A. L. Os estudos de gênero na antropologia do imaginário. In: PERIN, R. P. D. *Ritmos do imaginário*. Recife: EDUFPE, 2005. p. 102.

mecanismos de poder gerenciavam o funcionamento do discurso sobre o sexo e reafirmavam uma ideia de gênero. A partir do século XVIII passou-se a acreditar que a sociedade construiria o seu futuro e sua fortuna não somente sobre o número de seus cidadãos mas também sobre como cada qual usava o seu sexo. Assim, através da economia política da população formou-se uma rede de observações sobre o uso e controle da prática sexual dos cidadãos, tomando a questão de gênero, como objeto de disputa pública.¹⁷

No Brasil o recente¹⁸ debate dos últimos anos demonstra que considerando fator de intervenção a maneira como a cultura lida com a questão do gênero *feminino*, é preciso buscar algo mais do que a influência das ideias na cultura de educação contemporânea, na complexidade das circunstâncias atuais, nas relações pedagógicas. No trajeto antropológico, ao contrário da leitura única, causa-efeito, a dialógica mostra o movimento de unificação em luta, as forças que foram dispersas impulsionando o sujeito através da vida consciente, a frustração dos sonhos, as crises, e a realidade das forças de resistência.¹⁹

No esforço da análise mitohermenêutica, cito as palavras de uma professora brasileira entrevistada na pesquisa, Denise. Quando lhe pergunto como os brasileiros veem a mulher, ela diz que é vista como objeto, que a visão que predomina é machista, que a publicidade de cerveja contribui muito para educar nesse sentido. Há mudanças que devem ser reconhecidas, diz ela, mas o panorama geral é esse e quando pergunto o que ela pensa da mulher brasileira, diz: “é

guerreira, batalhadora, às vezes é arrimo de família, tem que lutar, cuidar dos filhos”.²⁰

Penso que este é o tempo do deus grego *Hermes Trimegisto*, ou “Hermes três vezes o Máximo”, o Mercúrio latino e Tot egípcio. O hermafrodita, escrivão no julgamento dos mortos, patrono de todas as ciências, mediador, comunicador por excelência, aquele que leva as vontades dos deuses aos mortais, cujo poder se eleva à contemplação das ideias. Sendo ele *feminino*, branco e líquido e ao mesmo tempo *masculino*, metálico e seco, simbolizando “a união dos contrários” através da alquimia, a “arte régia” e a hermenêutica, a interpretação para a compreensão da mitologia, a regeneração do que há de *feminino* e *masculino* em cada um de nós, a purificar-se na natureza e a distribuir-se generosa e indistintamente. Esta parecer ser a natureza do processo a ser buscado em sua profunda significação, pelos povos do norte, assim como do sul do globo.²¹

Sobre o debate da transversalidade das ideias de *epistemicídio* e *feminicídio*, preocupam as repercussões no âmbito da educação. Proponho a recuperação pela contribuição solidária, um processo de aprendizagem mútuo. Aprendendo outros conhecimentos sem esquecer os próprios, um processo que Sousa Santos chama de ecologia de saberes:²² ou seja, o reconhecimento dos antigos saberes que em novas roupagens ilustram-se por via das possibilidades de intersubjetividade na arte contemporânea.

A intersubjetividade

“Passagens são casas ou corredores que não tem lado exterior – como o sonho”.
(Benjamin, 2007)

A aproximação entre os países, ainda que atualmente motivada por interesses comerciais e econômicos, tem na educação, no ensino da arte e da cultura, a possibilidade de tornar visíveis antigos saberes, valorizando as maneiras atuais de

¹⁷ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 179.

¹⁸ MOTA, Maria Dolores de Brito. *Feminicídio: uma proposta de tipologia*. Disponível em: <<http://www.feminismo.org.br>>. Acesso em: 21 nov. 2010. “Os crimes de morte contra mulheres continuam acontecendo no mundo todo, fazendo com que feministas de muitos países se apropriem da categoria de feminicídio para denunciar os assassinatos de mulheres motivados por gênero e buscando estabelecer as suas características”.

¹⁹ SANCHES, 2010, p. 60.

²⁰ SANCHES, 2010, p. 61.

²¹ SANCHES, 2010, p. 61.

²² SOUSA SANTOS, 2010, p. 56.

conhecer. Inclusive, a epistemologia, cujo esforço de interpretação é papel dos educadores-mediadores, visa atualmente integrar na cosmovisão.

Estamos, ao mesmo tempo, dentro e fora da natureza. Simultaneamente somos seres cósmicos, cerebrais, espirituais... Somos filhos do cosmos, mas na façanha da nossa própria humanidade, da nossa cultura, do nosso espírito, da nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos do qual saímos e que secretamente nos continua íntimo.²³

É o que também demonstra Arthur Bispo do Rosário em sua obra de arte. Como, quais os melhores recursos para lidar com a complexidade da diversidade humana? Florestan Fernandes conta em sua obra que ir para o oeste do continente era um objetivo de povos nativos do Brasil:

Os apopakuva-guarani acreditavam que podiam alcançar o paraíso de duas formas. Primeiro pela dança. Aligeirando o corpo a ponto de poder subir ao zênite através da porta do céu; ou procurando a Terra Sem Males que estaria situada no centro da superfície terrestre. Um movimento migratório com 12.000 pessoas, chefiadas pelo cacique Viarazu, teria partido em 1539 do litoral brasileiro e alguns membros da expedição teriam chegado ao Perú.²⁴

O mesmo sustenta a antropologia de Geertz, “todos os temas culturais mais amplos e outros, se entrelaçam para gerar a sensibilidade na qual a arte é criada e subsiste”.²⁵ A participação no sistema particular que chamamos de arte “só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura”, pois o sistema da Arte nada mais é que um setor da cultura; motivo porque uma teoria da arte é ao mesmo tempo uma teoria da cultura.²⁶

Entrevistando professoras de ambos os países, encontrei que elas não dão receitas para enfrentar a complexidade dos problemas atuais e

²³ MORIN, 2002, p. 40.

²⁴ FERNANDES, Florestan. *Organização social dos tupinambá*. São Paulo: Progresso, 1948. p. 91.

²⁵ GEERTZ, 1997, p. 164.

²⁶ GEERTZ, 1997, p. 165.

das maneiras de conhecer, mas em seus esforços subjetivos, visando abrir novas perspectivas, simplesmente dizem: “os professores precisam buscar o conhecimento profundo de si mesmo” (Silvia, do Brasil); “as mulheres brasileiras tinham que conversar com as mulheres peruanas e dizer-lhes: vamos mudar isso!” (Viviane, do Brasil); “precisamos unir-nos para ir para frente!” (Lina, do Perú); “valorizo a alegria das brasileiras, precisamos de uma reflexão profunda, conjunta” (Mónica, do Perú).

A contribuição da psicogenética szondiana

Curriculum vitae

(Blanca Varela, 1926-2009)

*Digamos que ganaste la carrera
y que el premio
era otra carrera
que no bebiste el vino de la victoria
sino tu propia sal
que jamás escuchaste vítores
sino ladridos de perros
y que tu sombra
tu propia sombra
fue tu única
y desleal competidora²⁷*

Devido ao sistema social observado nas relações de poder extremamente desiguais, que tem concedido à parte “mais forte”, do norte do globo um poder sobre a vida, modo de ser e pensar da parte “mais fraca”, ao sul do globo, Sousa Santos²⁸ distingue formas²⁹ de fascismo social que refletem a pressão da lógica de apropriação/violência sobre a lógica da regulação/emancipação. O autor acredita que o “pensamento abissal” continuará a autorreproduzir-se e que a resistência política deve ter como postulado a resistência epistemológica que gere a justiça cognitiva global.³⁰ Acredito que a mesma situação se verifica na relação que conduziu à qualidade das relações humanas

²⁷ VARELA, Blanca. *Curriculum vitae*. Disponível em: <<http://amediavoz.com/varela.htm>>. Blanca Varela é poetisa peruana.

²⁸ SOUSA SANTOS, 2010, p. 45.

²⁹ De cinco, ele distingue três: o *fascismo do apartheid social*, o *fascismo contratual*, o *fascismo social*.

³⁰ SOUSA SANTOS, 2010, p. 49.

homem-mulher, *feminino-masculino* que chegaram, nas últimas décadas, à dolorosa experiência do *feminicídio*.

A reparação dos sofrimentos causados tanto a homens quanto a mulheres, é necessária. Já sabemos que existimos na vida coletiva, sem jamais uma energia deixar de influir sobre a outra. O médico neurologista e psiquiatra húngaro Szondi (1893-1986) explicou algumas ações com base na dinâmica das pulsões.³¹ Ele preocupava-se com a educação, especialmente pelo fato da vida coletiva, as relações de contato, o fenômeno da aceitação verificado pela *necessidade* humana de ser admitido, necessidade de ser aceito, a confirmação de poder ser como se é, a aceitação por parte dos pais, professores, irmãos, colegas.

Tomando os perfis instintivos como *necessidades* e ao afirmar que estes não são fatores psíquicos rígidos, nem estáveis, isso resulta em importante significado, pelo qual Szondi deu espaço à ideia de um destino livre, que o ser humano escolhe, devido a seu desejo de liberdade. A escolha manifesta-se no uso harmonioso que a pessoa faz de suas possibilidades e no mecanismo de autorrestrições. Chamando-a de *psicologia das escolhas*,³² a psicóloga Clara Juarez Pereira acredita que a hipótese fundamental de Szondi esteja na possibilidade que cada ser humano tem de constituir o seu próprio destino, pela escolha, pois o autor atribuiu origem gênica a cada necessidade das pulsões, pelo cruzamento de duas tendências que se manifestam através de uma *necessidade*, sendo: 1. Necessidade de Corporalidade, Vetor S (Fator + e -); 2. Necessidade de Afetividade, Vetor P (Fator + e -); 3. Necessidade das forças do Eu, Vetor Sch (Fator + e -); 4. Necessidade de contato, Vetor C (Fator + e -).

Trazendo a teoria para o estudo antropológico e pelo uso dos recursos da mitohermenêutica, encontro os instintos (pulsões, emoções) como conteúdo dos símbolos e arquétipos. Segundo Jung, a energia do inconsciente coletivo:

Todos los fenómenos naturales mitificados, como el invierno y el verano, las fases de la luna, los períodos de lluvia, etc., están muy lejos de ser alegorías (N.R.: la alegoría consiste en hacer una paráfrasis de un contenido consciente; el símbolo en cambio, es una expresión, la mejor posible, de un contenido inconsciente que sólo se barrunta pero aún no se reconoce) de esas experiencias objetivas, sino que, antes bien, expresiones simbólicas del drama interior e inconsciente del alma, un drama que a través de la proyección, de su reflejo en los fenómenos de la naturaleza, se vuelve aprehensible para la consciencia humana.³³

Símbolos, arquétipos, conteúdos do inconsciente humano, assim como da arte e na dinâmica da cultura. Como o inconsciente coletivo não é verbal, o mito não podendo manifestar-se de forma conceitual, o faz através de símbolos que por sua vez representam mais do que seu significado evidente e imediato, já que pela etimologia da palavra, *symbolon*, ao mesmo tempo “lança” (separa) e “une” (conjuga). O estudo do movimento desse material resulta na mitologia, que estuda os elementos transmitidos pela tradição, sendo por sua vez ao mesmo tempo estável e mutável, pois o mito rememora e comemora.

Considerações finais

Com esta reflexão busquei demonstrar como a epistemologia e as simbologias mitológicas nativas, brasileiras e peruanas, permaneceram durante séculos desrespeitosamente encobertas por negações das identidades originais e a submissão à dominação epistemológica. Assim como no deserto, a tempestade nas dunas esconde sob camadas de areia, também a nossa identidade primordial, teve escondido o imaginário selado na arte, nas cerâmicas, nas construções, indumentárias, ritos, mitos, racionalidades e sensibilidades *autóctone* (etimologicamente do grego *autócthon*, originário da região onde se manifesta), afetando a relação consigo mesmo e com o cosmos. Este estudo e pesquisa oferecem-se para fazer parte do *caminho de passagem*, ou de transição.

³¹ SZONDI, 1970, p. 176.

³² Palestra de Clara Juarez Pereira, 18 jun. 1999 no Núcleo de Estudos Szondianos, São Paulo.

³³ JUNG, C. *Los arquétipos y lo inconsciente colectivo*. Madrid: Trotta, 2010. p. 6.

Como diz Durand, a mitologia encoberta transforma-se em psicopatologia e os deuses imortais vingam-se.

Penso que a vida atual configura-se fortemente coletiva, é preciso, *viver junto*. Não cabe mais pensar que existe uma epistemologia, mas uma pluralidade de lógicas, maneiras de pensar, racionalidades trocando conhecimentos, construindo *autopoiesis* coletivas. Penso que vivemos o Tempo de Recorrência, do retorno de Ulisses, bisneto de Hermes, que como herói deve completar o *Uróboro* para conhecer-se. É preciso que Ulisses (os educadores) mergulhem nas profundezas do mundo das sombras (do inconsciente individual, familiar e coletivo) e busquemos vencer os desafios do caminho, as dificuldades de encontrar-se, perceber-se, sentir-se, amar-se. Porque não se pode fugir do próprio ritmo instintivo, ou surge confusamente o psicopatológico.³⁴

Reconhecer que a Natureza tem múltiplas formas de oferecer-se, em sua generosidade, a nossas possibilidades de invenção de vida. Que o conhecimento precisa ser livre, porque num processo recursivo nós, educadores, somos causa e produto de nossas ações.³⁵ A tarefa *hermesiana* da educação é estar aberto às maneiras de conhecer, deixar-se inventar a vida compreendendo-a, pensar em si mesmo intervindo e escolhendo amorosamente as energias que se quer usar.

A reparação é possível. Primeiro de nós para nós mesmos. Recuperar a confiança na simbologia do imaginário. Não precisamos ser vítimas de nada nem de ninguém, também não precisamos viver na poça do ressentimento que prende ao passado e a projetos que já nascem vencidos. Mas sair, alegre e conscientemente a inventar mais felizes vidas coletivas.

[Recebido em: setembro 2011 e
aceito em: fevereiro 2012]

³⁴ SANCHES, 2010, p. 190.

³⁵ MORIN, 2002, p. 53.